

**“Nos arrabaldes da minha cidade”: apropriação e práticas de espaços
na localidade do Portão do Gelo no Bairro de Beberibe – Recife/PE**

Valéria Gomes Costa PPG-UFPE

valcosta79@hotmail.com / valeria.costa@ufpe.br

Nas décadas de 1950, o centro do Recife passou a ser um espaço diferenciado e segregador, mas que paradoxalmente, estava ampliando seus tentáculos urbanos às populações de baixa renda, afrodescendentes, trabalhadores informais, imigrantes das zonas rurais que vão ocupar os arrabaldes deste centro, ou seja, as áreas suburbanas que segundo V. Pontual, são essas áreas uma continuidade do tecido urbanoⁱ.

Os subúrbios, por sua vez, passam a ser locais de habitação/moradia da grande parte da população que estava neste período, crescendo, seja pelas imigrações oriundas das zonas rurais, e/ou pelo crescimento vegetativo da população de baixa renda concentradas no centro da cidade. Ambas as populações vão sendo empurradas para as áreas periféricas da cidade desde as décadas de 1940-50, em decorrência da política contra “mocambos”ⁱⁱ. Desta forma, os subúrbios passam a ser opção de residência para as camadas populares, que ao ocuparem os espaços geográficos destas áreas vão também criando mecanismos de tornar estes lugares seus territórios, através de práticas cotidianas de apropriação espaços para a garantia da habitação, de trabalho, do lazer, das práticas religiosas marginalizadas pelo Estado.

Assim, procurando perceber como se estruturaram os espaços suburbanos recifenses, a partir da década de 1950, através das estratégias de criação de novos lugares pelos indivíduos para garantirem estas áreas como sendo suas, ou seja, o subúrbio como “o pedaço”ⁱⁱⁱ da população excluída. A observação das práticas cotidianas dos membros de uma comunidade religiosa, a Sociedade Africana Santa Bárbara – Xambá, que ao deslocar seu Terreiro de Xangô, do bairro de Santa Clara para a localidade do Portão do Gelo, no bairro de Beberibe, nos possibilitou pensar nos mecanismos criados e (re)criados pelas

peças para garantir seus territórios dentro da cidade. Desterritorializando as estruturas urbanas oficiais, criando estratégias de continuidade de suas práticas culturais condenadas pelas estruturas vigentes, ressignificando a partir de suas apropriações os espaços de forma a lhes tornarem familiar.

Deste modo, as áreas de periferias da cidade que começaram a ser ocupadas pela população expurgada do centro do Recife, a partir dos anos 1940-50, como os subúrbios de Casa Amarela e Beberibe. Esta última era (é) uma área geográfica às margens de rio, cujo nome se estendeu também como indicador da região. Constituíam-se de muitos terrenos baldios coberto por matas, onde a política de modernização da cidade, na época da Interventoria Agamenon Magalhães, procurava doar lotes a população de baixa renda, distantes do centro. A população, por sua vez, via nesta política uma alternativa para adquirir suas residências próprias^{iv}. Ficando longe, portanto, do centro urbano da cidade, que passava por transformações em sua arquitetura e forma urbana, de modo a assemelhar-se com as grandes capitais, a exemplo do Rio de Janeiro.

O Portão do Gelo, em Beberibe, foi a alternativa de lugar encontrada pelos membros da Nação Xambá e sua líder Severina Paraíso da Silva, a Mãe Biu, para (re)construírem a nova sede do seu “terreiro de xangô” e transformarem os espaços nesta localidade, de modo a tornar este lugar “seu pedaço”, ou melhor, seu espaço físico, social, simbólico e religioso, após terem saído anteriormente do bairro recifense de Santa Clara, no qual o Terreiro estava localizado. Embora fosse o referido bairro também distante do centro do Recife, pertencente também às áreas de periferia, Santa Clara no início da década de 1950 estava se tornando um espaço impróprio para esta comunidade religiosa. Primeiro, seja pelo fato de estarem em um terreno não próprio, isto é, alugado, como nos conta Maria José Batista, a D. Zeza, “[...] Porque a casa não era própria era alugada [pausa] não é porque quiseram tirar ela de lá não, aí foi quando tiveram oportunidade de comprar aquela [...]”.

Segundo, Portão do Gelo, nesta época, estava possivelmente em processo de ocupação dos espaços físicos, através dos loteamentos de terrenos baldios, certamente que eram vendidos pela prefeitura, a preços mais acessíveis a população, nos quais eram

construídas casas populares. Por outro lado, aberturas vias e avenidas no bairro veio a corroborar um início de desenvolvimento urbano, ainda que precário, enquanto que Santa Clara possivelmente estava legado a se tornar um lugar de novas construções de fábricas, pelo que conta D. Zeza, ao se referir ao local, quando este sediava o Terreiro de Mãe Biu, “[...] era um sítio, hoje, ela é a fábrica Minerva, o Terreiro era tão grande, que ocupa a fábrica Minerva, quando foi vendido esse terreno [...]” tornando-se espaço para o desenvolvimento industrial, projetado pelo governo vigente.

Outros motivos podem ter levado Mãe Biu a tomar essa atitude de deslocamento da referida sede de seu Terreiro de um bairro a outro em 1951. Podendo está ligado às ações do governo de desagregação da população afrodescendente, levando adiante uma política racista, que objetivava eliminar do cenário social da cidade, as raízes de uma cultura negra, contida na religião. Desapropriando terrenos os quais abrigavam os “terreiros de xangô”, dificultando a moradia dos adeptos/as dos cultos afro-brasileiros, uma vez que, Mãe Biu também estava à procura de uma moradia residencial, visto que sua casa seria também o espaço de funcionamento de seu Terreiro de Xangô. Pelo que narra D. Zeza, ao falar da organização dos membros da Nação Xambá para construírem a nova sede do Terreiro de Xangô, “[...] os meninos brincava naquele terreno, ali, entendeu... até que ela resolveu fazer a casa dela ali né, ela começou na de cá do terreiro. Saiu de Santa Clara, comprou aquele terreno, foi morar ali... [...]”

Pelas palavras de D. Zeza é plausível que a Mãe-de-Santo não conduziu sozinha o deslocamento do Terreiro, nem mesmo que o motivo tenha sido simplesmente o desejo dela em possuir uma casa própria para fazer seu ‘xangô’ funcionar. Desta forma, Mãe Biu e sua comunidade religiosa foram articulando espaços no Portão do Gelo, após comprar um terreno, no qual construiu a primeira casa para funcionar o Terreiro, que segundo nos contou Maria José Batista, antes da chegada de Mãe Biu com a comunidade Xambá, “[...] ali tudo era mato [...]”.

Assim, o terreno antes baldio passou a ser um espaço físico (de moradia) e cultural, onde as práticas religiosas dos indivíduos estavam sendo (re)construídas quando

começou a ser erguido o templo, “[...] primeiro, a casa que foi construída foi a do terreiro... ai ficou a maior parte, ficou o Salão e o Pegi [...]”.

Pela fala de D. Zeza podemos pensar que o “Terreiro de Xangô”, espaço condenado pelas autoridades governamentais, que se esforçavam em rotulá-los, por um lado, de prejudiciais a saúde moral e psíquica da sociedade^v; por estar sendo lugar das (re)significações religiosas e culturais vindas de africanos e seus descendentes e por outro lado, por serem estes espaços físicos, construções de taipa (pau-a-pique), irregulares, cuja arquitetura não combinava com as novas estruturas urbanas da modernidade.

No entanto, o espaço do terreiro simbolizava para os indivíduos além de lugar sagrado, de desenvolvimento de suas práticas religiosas, visto que foi a primeira construção empreendida pelos membros do Xambá, pela entrevista acima. Era um local também reservado ao lar, pois para os/as adeptos/as das religiões afro-brasileiras, “o terreiro” significa o *ilê* (casa), espaço de desenvolvimento das relações familiares. Uma vez que todos/as que ali estão são protegidos/as por uma mesma mãe (Ialorixá) que recebe as ordens supremas dos Orixás para proteger seus/suas filhos/as-de-santo, vinculados/as a ela pelos laços simbólicos da religião^{vi}.

Assim, Mãe Biu após erguer seu Terreiro, articulou para que seus familiares e filhos/as-de-santo próximos/as viessem morar aos arrabaldes do Xangô. Construindo moradias, angariando recursos para auxiliar irmãos/as sanguíneos/as a adquirirem terrenos e casas, deslocando essas pessoas de bairros distantes^{vii} para o Portão do Gelo, “[...] ela trouxe a família toda... a primeira que ela puxou para cá para junto dela foi Madrasta... ela que se esforçou, arranjou conhecimento, tudo, eles compraram ai vamos ajudar a levantar a casa... seu Luiz não tinha condição... ai tinha atrás do terreiro, aí onde é o Memorial... aí ela já tinha subido ele todo de tijolo e encima fez feito um apartamentozinho... então daquela casinha, ela arrumou um jeitinho de puxar uma casinha para seu Luiz, trouxe seu Luiz para junto dela [...]”.

Pelo relato de Dona Zeza foi possível não só exemplificar atitudes de Mãe Biu para articular espaços de habitações para seus familiares, como também saber principalmente das transformações que passaram esses espaços. Através de sua memória

apresentando as construções atuais do lugar no qual está sediado o Terreiro Xambá, desde o ano 1951, institucionaliza as antigas configurações dos espaços físicos, como nos diz Certeau, ao falar dos deslocamentos pela oralidade que representa pontilhados do passado^{viii}, “[...] *aquele corredorzinho de quarto todinho que tem quando a gente vai dobrando para lá, aquilo foi dela, ela fez doação a uma filha-de-santo, [...] quando vivia lá era exclusiva para assar pinto de Exu e era uma mão-de-obra dentro do terreiro [...]*”.

Não queremos corroborar através deste trecho da fala de D. Zeza que as ações de Mãe Biu serviram para garantir apenas espaços de moradia para seus familiares e, principalmente aos filhos/as-de-santo do seu Terreiro. Porém, refletir em relação às apropriações dos espaços físicos, estes adquiridos não só por compra das instâncias públicas e particulares, como também por deliberação da própria mãe-de-santo, segundo narrativa de Antonieta dos Santos, filha-de-santo de Mãe Biu, nos contando que recebeu apoio da Mãe-de-Santo para realizar ocupação em um terreno baldio. Além de pensar também nas relações de sociabilidades criadas por Mãe Biu e de suas demarcações das relações de poder. Isto se refletimos nas ocupações dos espaços não-pensados pelos urbanistas que os indivíduos se apropriam e transformam, (re)desenham e nomeiam como seus, na garantia de que o “pedaço” foi conquistado.

Quanto a isto, a localidade em estudo, recebeu outros nomes pela Prefeitura, pelo Governo do Estado e por outros órgãos públicos, não só como Portão do Gelo mais como Loteamento Jardim Beberibe, São Benedito e Sapucaia, como encontramos em diversas notas fiscais, Licenças da Secretaria de Segurança Pública e outros documentos. No entanto, para os indivíduos da comunidade, são denominações irrelevantes, a nomeação feita por eles era outra, própria das relações de sociabilidades religiosas e culturais, (re)configuradas pelas suas ações e de sua mãe-de-santo. A localidade ficou conhecida após a chegada dos membros da Nação Xambá como “O Xangô de Mãe Biu”, ou seja, era o local de D. Biu, de modo que até mesmo notas fiscais ao serem emitidas tomavam como ponto de referencia o “Terreiro de Xangô de D. Severina”^{ix}, que tinha passado a ser autoridade local^x.

Seu nome não fica apenas sendo referência para a comunidade que na localidade habita, entre a vizinhança, mas se torna lugar de Mãe Biu por lei municipal. A antiga Rua Albino Neves de Andrade, onde o Terreiro de Mãe Biu foi assentado, na qual ela começou suas primeiras articulações, passou a se chamar oficialmente Severina Paraíso da Silva^{xi}. Inverteu-se a ordem, a comunidade “fez a lei” e as instâncias municipais trataram de reconhecer as leis criadas pelos indivíduos.

Desta forma, os indivíduos vão articulando práticas em seu cotidiano que (re)desenham o bairro como lhes sendo próprio, uma vez que este é o espaço social, resultado das relações de sociabilidade entre vizinhos, comerciantes, caminhanes, ligados entre si, pela aproximação^{xii}. Os membros do Terreiro Xambá reconfiguraram a localidade do Portão do Gelo como seu bairro, criando até mesmo uma associação de moradores, como espaço de práticas de cidadania e cultura. Esta associação, fundada por Tia Luiza, em 1986, que dividia os mesmos espaços físicos de sua casa com a sede da associação de moradores do bairro, viabilizou através desta, calçamento da rua, festas de carnaval, entre outras comemorações, além de captação de recursos para assistência à comunidade que necessitava de todo o tipo de ajuda, “[...] quem primeiro começou a mexer para fazer o calçamento da rua foi ela, infelizmente ela morreu e não viu, a gente foi quem concluiu... nesse tempo tinha um tal do leite, não teve uma época do Governo Sarney que dava leite, era todo mundo atrás desse infeliz ticket desse leite [...]”. Pelas palavras de Maria do Carmo, a “Cacau”, é plausível inferirmos acerca das estratégias que a comunidade do Terreiro Xambá procurava elaborar e (re)elaborar para garantir seu território.

Por outro lado, o bairro enquanto configuração das relações desses indivíduos também é local de produção de cultura, e como tal, as lideranças da comunidade procuravam promover o carnaval como parte de suas expressões culturais. Assim, Tia Luiza e Mãe Biu articulavam as festas de momo no bairro, “[...] Tia Biu deu a idéia daquelas troçinhas e ela tornou grandioso. O primeiro grande carnaval que se fez na rua foi mamãe que inventou, patrocinado na época pela confecção de Maria do Carmo,... eu me lembro que o bloco foi Madeira do Rosarinho, foi assim a sensação, trouxeram Madeira do Rosarinho, ela trouxe! [...]” .

Pelo fragmento da fala de Cacau, além de pensarmos no papel desempenhado pelas mulheres negras dentro das religiões afro-brasileiras como mantenedoras das tradições religiosas e articuladoras de políticas culturais no bairro, podemos em outra perspectiva refletir acerca do papel das lideranças femininas, uma vez que Mãe Biu não empreendeu sozinha nenhuma de suas ações. Sempre esteve cercada pelos membros de seu terreiro que a auxiliaram mutuamente.

Voltando um pouco nas reflexões de Certeau sobre o nome próprio enquanto autoridade local, pensamos no prestígio que representava o nome ‘Mãe Biu’ para muitos membros de seu terreiro, como por exemplo, para Antonieta que hoje está empregada em um dos colégios da rede municipal da Prefeitura de Olinda desde 1984, devido à amizade de sua Mãe-de-Santo com o ex-vereador, Aristófanes de Andrade, hoje já falecido, “[...] *ia na Câmara que minha mãe tinha me apresentado Aristófanes... o vereador, ele freqüentava aqui... tinha um respeito a minha mãe fora de sério, Aristófanes de Andrade e minha mãe me apresentou ele como sobrinha dela, então podia chegar lá na Câmara podia ser quem fosse, você veio a mando de quem? De dona Severina é [...] trabalhei seis meses no PAM de Areias que foi ele que arrumou, Aristófanes, depois que eu sai, ele disse eu vou arranjar uma coisa boa para você... ai foi quando arranjou o do colégio [...]*”

Nome que autorizava não apenas designar os espaços físicos, também indicador de prestígio junto às autoridades locais, mais que servia para facilitar a vida das pessoas que viviam sob sua proteção, para conseguirem junto a políticos, pessoas influentes na sociedade, empregos, entre outras facilidades, em seu cotidiano para a sua comunidade. Assim, apresentou-se esta Mãe-de-Santo na narrativa de D. Antonieta, o que nos leva a refletir: quais as implicações além dos interesses políticos, como corriqueiramente pensamos, teria a presença do citado vereador em suas relações com Mãe Biu?

D. Severina Paraíso tinha articulações também com políticos locais, talvez para garantir condições de trabalho a sua comunidade. Nos possibilitando pensar na antiga relação do político com seus eleitores nos pequenos espaços da cidade, ou seja, nos

subúrbios. Provocando repensarmos se o político está sempre no papel de um mero especulador nas periferias, nos “terreiros de xangôs”, que são nosso foco, de pessoas sem instrução escolar como D. Severina para simplesmente angariar voto. Será, por outro lado, que estas pessoas não criam e (re)criam estratégias de negociações, com estes políticos em troca de seus interesses, sem maiores comprometimentos com a questão eleitoral?

Portanto, Severina Paraíso procurou elaborar e (re)elaborar meios junto a sua comunidade religiosa, não só para garantir a continuidade do Culto Xambá, mais principalmente criando e (re)criando estratégias de ampliação de espaços físicos, construindo habitações para os indivíduos, que para os urbanistas podem até se apresentarem como irregulares, pois não seguiram seus traçados planejados. No mais, são moradias planejadas dentro do universo dessas pessoas que jogam com os espaços delimitados pelas condições ora geográficas, ora financeiras ou até mesmo produzidas pelas relações de sociabilidades, como as ocorridas no Portão do Gelo, em Beberibe, exemplos de configuração de bairro, através das redes de sociabilidade dos indivíduos.

ⁱPONTUAL, Virgínia. *Uma cidade e dos prefeitos: narrativas do Recife nas décadas de 1930 a 1950*. Recife: Editora da UFPE, 2001, pp. 36-37.

ⁱⁱPolítica de extinção das habitações populares, feitas de taipa, no Governo de Agamenon Magalhães, que projetava modernizar o Recife, através de uma política urbanizadora criou novos espaços para acomodar a população excluída. Construindo as vilas populares: Vila das Lavadeiras, Vila dos Comerciantes, etc, em áreas periféricas. GOMINHO, Zélia de Oliveira. *Veneza brasileira X mucambópolis: o Estado Novo na cidade do Recife – décadas de 30 e 40*. Recife: UFPE, 1997 (Dissertação de Mestrado em História), pp. 42-79.

ⁱⁱⁱBRUMANA, Fernando G. e MARTINÉZ, Elda González. Os espaços In: *Marginália sagrada*. São Paulo: ÚNICAMP, 1991.

^{iv}GOMINHO, Z. Op. cit., pp. 69-70.

^vALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. *A construção da verdade autoritária*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001, pp. 155-160. Ver também QUEIROZ, Martha Rosa Figueira. *Religiões Afro-brasileiras no Recife: intelectuais, policiais e repressão*. Recife: UFPE, 1999 (Dissertação de Mestrado em História).

^{vi}OLIVEIRA, Rafael Soares de (Org). *Candomblé: diálogos fraternos contra a intolerância religiosa*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

^{vii}Maria Luiza de Oliveira e Luiz de França do Paraíso, irmã e irmão de Mãe Biu por parte de pai, moravam no bairro do Cordeiro/Recife. Donatila Paraíso do Nascimento irmã legítima de Mãe Biu, morou no Bairro Campo Grande/Recife.

^{viii}CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano: artes de fazer*. 9ª ed. Petrópolis, Vozes, 1994. (Vol. 1), p.189.

^{ix}Fopel – nota fiscal de assistência técnica. 25/05/1984. Consta Roteiro: “pela Av. Beberibe, na entrada da Fabrica Antártica ou do Portão do Gelo – próximo ao centro Mãe Biu”. Acervo Memorial Severina Paraíso da Silva – Mãe Biu.

^xCERTEAU, Michel de. Op. cit. pp. 184-186.

^{xi}Lei nº 5000/95. A Câmara Municipal de Olinda decretou sancionou esta Lei, que passou a vigorar em 25 de maio de 1995. Cópia do referido documento no Acervo do Memorial Severina Paraíso da Silva – Mãe Biu e Pedido de Deferimento para projeto de mudança de nome da rua, dirigido ao Prefeito Germano Coelho, em 20/07/1994. Cópia do referido documento no Acervo do Memorial Severina Paraíso da Silva – Mãe Biu.

^{xii}CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. Morar. In: *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. 5ª ed. Petrópolis, Vozes, 1996. (Vol. 2), p. 39.